

PEÇA DO MÊS

JANEIRO – 1999



**IMAGEM DE SANTO AMARO
- SÉC. XV -**

**(PADROEIRO DO ANTIGO HOSPITAL
DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA)**

CASTELO DE VIDE
Arcos dos Paços do Concelho

O SANTO PADROEIRO DO ANTIGO HOSPITAL DE SANTO AMARO

A imagem de Santo Amaro encontra-se, desde 15 de Janeiro de 1961, num nicho próprio que a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia mandou abrir no átrio do actual Centro de Saúde de Castelo de Vide. Esta deliberação nasceu da ideia de comemorar o dia onomástico do Santo (15 de Janeiro) padroeiro do antigo Hospital desta vila.

Da leitura que efectuámos na acta lavrada referente à reunião ordinária da Mesa Administrativa daquela instituição, realizada a oito de Janeiro de mil novecentos e sessenta e um, em que eram membros o Provedor Dr. Mário Tomás da Costa Roque e os senhores José Gonçalves de Oliveira, José Soares, João Branquinho Folgado, José Maria Leitão, Mário Beliz Rainho e Diogo Salema Cordeiro, transcrevemos na íntegra a deliberação do assunto referente às *Comemorações do Dia de Santo Amaro*, cuja redacção afirma: «Ocorrendo no próximo dia quinze a festa do padroeiro do Hospital desta Misericórdia resolveu a Mesa Administrativa levar a efeito os seguintes actos comemorativos: às doze e trinta horas na Capela do Hospital, será celebrada a Santa Missa pelo Muito Reverendo Vigário de Castelo de Vide. Em seguida será benzida a antiquíssima imagem de Santo Amaro, valiosa pertença desta Misericórdia, que por vontade expressa da Mesa Administrativa ficará exposta ao culto em nicho próprio mandado abrir no átrio do Hospital.

Pelas quinze horas do mesmo dia será distribuído um bodo a todos os doentes pobres do concelho.

Para todos estes actos comemorativos vai ser dirigido um convite ao Excelentíssimo Senhor Governador Civil do Distrito de Portalegre, bem como às entidades locais».

E, de facto, o semanário *Terra Alta* (Ano IV – n.º 203), para além do convite público que expressa a todos os irmãos daquela confraria, bem como aos habitantes de Castelo de Vide, confirma estes actos comemorativos presididos pelo Governador Civil de Portalegre, Dr. Martinho de Azevedo Coutinho, o qual, após a colocação da imagem no respectivo nicho, deu tomada de posse à Mesa Administrativa reeleita para o triénio de 1961-63.

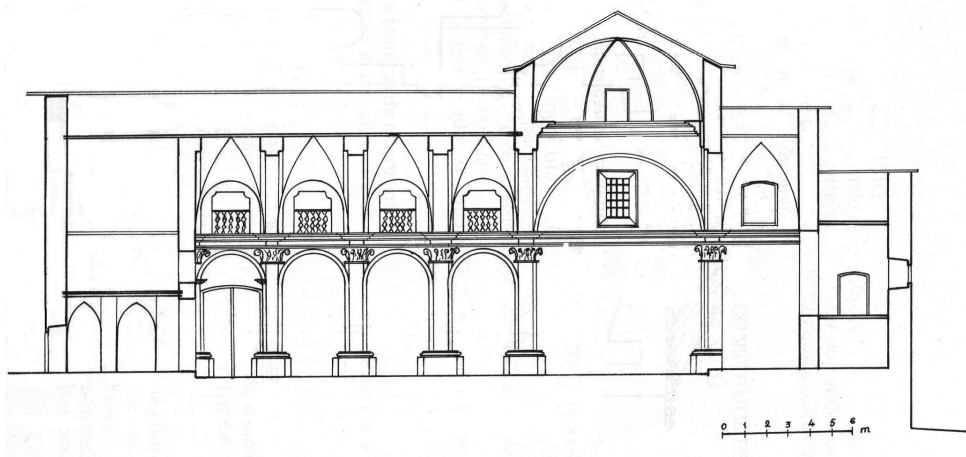
Pelo catálogo da exposição *A Rainha D. Leonor*, realizada aquando das *Comemorações do 5.º Centenário* do seu nascimento e organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian no Mosteiro da Madre de Deus, em Lisboa, no ano de 1958, sabemos que a imagem esteve exposta nesse certame conjuntamente com outras peças valiosas da Santa Casa da Misericórdia de Castelo de Vide, respectivamente o primitivo compromisso de 1633 (v. *Peça do Mês de Outubro/98*) e uma cruz relicário de trabalho português, de prata, datada do século XVII.

Curiosamente, as actas das reuniões da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia são omissas em relação ao empréstimo destes objectos, mencionando unicamente que, para aquele fim, «a pedido da Comissão Nacional das Comemorações do V Centenário do Nascimento da Rainha Dona Leonor, foi enviado o pendão desta Santa Casa», (reunião de 12 de Outubro de 1958).

DA ERMIDA À IGREJA DE SANTO AMARO

De acordo com diversos autores da nossa História Local que consultaram o *Tombo da Misericórdia*, terá sido o Bispo da Guarda a dar aos moradores de Castelo de Vide, a 11 de Junho de 1494, licença para construir uma ermida a Santo Amaro. O local escolhido para o efeito foi no lugar então conhecido por «cerca», que naquele tempo, ficava fora do aglomerado urbano, uma vez que o limite deste, do lado da encosta Este, era sensivelmente pelo actual largo da Fonte da Vila.

A ermida terá passado para a posse da Misericórdia durante o século XVI, na altura em que Câmara delibera a cedência de «terreno maninho» em redor daquele monumento religioso, para a Confraria aí construir instalações hospitalares. Posteriormente, presume-se que em 1777, a ermida terá sido remodelada dando origem à actual igreja de Santo Amaro, situada na rua com o mesmo topónimo, que não obstante os seus importantes valores arquitectónico, artístico e histórico, chegou ao lastimável estado de ruína e de manifesto abandono.



SOBRE A VIDA DO SANTO

No tomo I da obra oitocentista *Flos-Sanctorum*, do fr. Francisco de Jesu (*sic*) Maria Sarmiento - que, como expressa o seu subtítulo, trata-se de um *Santuário Doutrinal, que Comprehende o Extracto, e Relação dos Mystérios, e Festas, e das Vidas, e Obras dos Principaes Santos Martyres, Confessores, e Virgens* -, bem como nos *Estudos de Literatura Medieval*, de Mário Martins, ou ainda num extenso artigo do *Terra Alta*, encontrámos diversas descrições a respeito da vida deste Santo.

Com efeito, referem estes documentos que, no princípio do século VI d.C., o nobre romano e virtuoso cristão chamado Equizio (por vezes toma o nome de Eutíquio), pai de Amaro, ofereceu o seu filho, ainda criança, a Deus, confiando-o a um mosteiro fun-

gado, e nessa altura ainda administrado, pelo Patriarca São Bento, no qual alguns anos depois viria também a ingressar Plácido.

A atitude exemplar e o comportamento modelar durante o seu crescimento neste edifício religioso, localizado perto de Roma, num lugar designado de Sublaco (*Sublaqueum*), fizeram com que o seu Mestre cedo o achasse «digno de repartir com elle huma boa parte do governo, e regulamento dos outros Monges». Convite que Amaro recusou em virtude de querer ser apenas um humilde e fiel discípulo.

Da biografia deste Santo constam alguns episódios com mais ou menos variantes. Um dos mais conhecidos refere-se ao milagre originado pela queda de Plácido num dos lagos de Sublaco, em que S. Bento, anteendo a ocorrência por revelação divina, de imediato ordenou a Amaro que fosse em auxílio do condiscípulo que morria por afogamento. Plácido foi salvo pela atitude de Amaro que «sem demora, pensando só na execução da obediencia, correu prodigiosamente sobre as aguas, e livrou do perigo ao companheiro, conduzindo-o para a terra com igual maravilha, e sem leção alguma».

Enquanto S. Bento atribuiu o milagre à obediência com que Amaro tão pronta e corajosamente cumpriu a sua ordem, este, por seu lado, reconhecia que só a intercessão e os fervorosos pedidos do Mestre, desde a sua cela, permitiram o salvamento.

Ainda segundo as fontes bibliográficas anteriormente citadas, outro episódio protagonizado entre Amaro e São Bento, sucedeu por altura do ano de 528 d.C., quando o Mestre entendeu abandonar o mosteiro em virtude do seu rigor e disciplina serem mal aceites por uns quantos discípulos. Relatam esses documentos que um dos principais contestatários, o Monge Florêncio, num estado profuso de alegria por observar a partida de São Bento, foi vítima de uma queda fatal.

Gravura de S. Amaro por Adolfo Bugalho



Acrescentam os textos que Amaro imediatamente se apressou a ir ao encontro do Mestre comunicando-lhe entusiasticamente o sucedido e pedindo-lhe para que regressasse, ao que o São Bento reagiu com dupla tristeza: tristeza pela morte do «rebelde» discípulo; e tristeza pelo regozijo que um monge manifestava com a morte doutro. S. Bento, depois de ter imposto penitência a Amaro, prosseguiu o seu caminho em direcção ao Monte Cassino, onde fundou uma abadia que se viria a celebrar através dos séculos como verdadeiro templo de virtude cristã e de sábia erudição.

Decorrido pouco tempo, ainda no momento da criação desta abadia, o fundador chama o seu fiel discípulo, considerado então como seu sucessor espiritual, e confia-lhe o priorado. Porém, alguns anos mais tarde, em 553 d.C., São Bento ordenou a saída de Amaro e de mais companheiros para que estes espalhassem os ensinamentos e as virtudes da Ordem por terras longínquas.

E assim se fundou, em Glanfenil, o primeiro mosteiro beneditino de França, num lugar hoje designado por Saint-Maur sur Loine, onde Amaro acabaria os seus dias de acordo com a profecia que S. Bento lhe enviara por dois monges, no dia seguinte ao de ter deixado a abadia do Mestre, a qual, de acordo com os documentos mencionados, referia: «Recebei, meu muito amado, os últimos dons do vosso mestre os quais serão testemunhos do grande amor e juntamente serão perpétua ajuda e fortaleza a vós e a vossos companheiros contra todos os impedimentos e males. E sabeis que depois de sessenta anos de Religião vereis levado ao prazer da Glória de Nosso Senhor, como ontem, depois da vossa partida me foi revelado».

No século IX, aquando das invasões normandas, o relicário foi trasladado para o *Fossatense Coenobium*, perto de Paris, que a partir de então passou a ser conhecido por S. Maur de Fossés.

Acrescentam os relatos biográficos que durante o percurso da abadia do Monte Cassino até esta localidade gaulesa, bem como durante o tempo em que viveu no mosteiro por ele fundado, protagonizou frequentemente «assombrosos milagres revelados pela cura de enfermos e sinistrados». Tal fama de Santo milagreiro tornou aquele local destino de multidões de peregrinos, sabendo-se que a ele se deslocou o imperador Carlos IV da Boémia para obter «cura das suas crises de gota».

Em relação a estas milagrosas capacidades curativas, diz o artigo anteriormente citado do *Terra Alta* que: «...as muletas de que os gotosos se serviam eram então conhecidas pelo nome de muletas de Santo Amaro. Do mesmo modo que os gotosos, os coxos e estropiados de qualquer espécie rendiam-lhe culto fervoroso, abandonando também no santuário, como ex-votos, número infinito de muletas desde então desnecessárias». E conclui afirmando que «a sua intervenção era igualmente eficaz contra caimbras, rouquidões, corisas e reumatismos, sendo todo este conjunto de doenças, claramente derivado do facto de Santo Amaro ter salvo Plácido metendo-se na água fria do lago sem ter sofrido o menor resfriamento ou qualquer outro incómodo naturalmente consequente desse acto».

A Câmara Municipal agradece à Santa Casa da Misericórdia de Castelo de Vide o empréstimo da imagem de Santo Amaro para figurar como *Peça do Mês de Janeiro* e lamenta o transtorno causado à Direcção e Serviços do Centro de Saúde de Castelo de Vide por estarem privados do seu antigo padroeiro durante o referido mês.

DESCRIÇÃO E REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA

LOCALIZAÇÃO: Átrio do Centro de Saúde de Castelo de Vide (Antigo Hospital de Santo Amaro).

PROPRIEDADE: Santa Casa da Misericórdia de Castelo de Vide.

CRONOLOGIA: Século XV.

MATERIAL: Pedra ançã.

MEDIDAS: Alt.: 70 cm; larg.: 26 cm.

DESCRIÇÃO: Figura robusta e ligeiramente atarracada. Possui a cabeça coberta por manto e touca ficando apenas a descoberto o rosto, que oferece olhar assimétrico devido às sobreposições de diferentes pinturas. A barba, longa e opulenta, está cuidadosamente penteada e tem o corte arredondado, o que lhe retira naturalismo. A expressividade é de uma certa humildade embora pouco hierática.

O manto, que cobre parcialmente a cabeça, envolve o pescoço e os ombros e prolonga-se pelo corpo, sobrepondo-se a uma túnica de pregas direitas e soltas. Estas caem até ao chão e estão apenas quebradas pelo joelho direito. Este salienta-se, sugerindo uma ligeira flexão da perna e deixando aparecer a extremidade do calçado – atitude que empresta à imagem um suave movimento.

Tem algumas pequenas zonas com a policromia original, particularmente a carnação do rosto, e abundam vestígios de sobreposições de tintas de épocas posteriores.

As costas revelam um tratamento estatuário muito deficiente com linhas anatómicas pouco precisas.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Verificam-se diversas fracturas antigas na cabeça, mão direita, bordão, manto e base, que foram objecto de restauro. Foi efectuada uma limpeza recentemente pela Secção de Arqueologia Municipal.

ICONOGRAFIA: A imagem deste Santo Amaro romeiro, é de um ancião, em pé, com um bordão alto apoiado à mão direita e, na mão esquerda, com um rosário de dezanove contas. O orifício que oferece no alto da cabeça indicia que ela era aureolada por um nimbo circular ou por uma mitra – que consiste numa segunda possibilidade de apresentação.

É, de facto, uma interessante variante a outra sua representação onde frequente traja hábito de frade com capuz, e em que o terço é substituído pelo Livro das Regras de S. Bento, aberto numa das mãos, enquanto que na outra segura um báculo ou um rosário.

Quando acompanhado de outras figuras, aparece na companhia de S. Bento e/ou de S. Plácido.

A sua designação pode também surgir como «Santo Amaro Abade».

Chama-se a atenção para o facto do nicho da imagem actualmente não reunir condições de segurança nem de conservação, pelo que, em nossa opinião, deveriam ser tomadas medidas preventivas com a maior brevidade, para que a sua permanência nesse local seja de forma segura e correcta.